



MIXÓRDIA DE TEMÁTICAS

RICARDO
ARAÚJO PEREIRA

MIXÓRDIA
DE TEMÁTICAS

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXII

© 2012, Ricardo Araújo Pereira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Mixórdia de Temáticas*
Autor: Ricardo Araújo Pereira
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2012

ISBN: 978-989-671-136-8
Depósito Legal n.º 349616/12

ÍNDICE

11	Luta contra as drogas
14	Gente que diz coisas
16	O vilão que quer dominar o mundo
18	Recorde mundial de greve de fome
21	Consultório de comportamento
24	Lar impede idosos de falecerem
26	Mini-terrorismo
29	Um pouco de má disposição
31	Fusão de freguesias a frio
34	Manual de instruções para baixa médica
37	Introdução ao estudo do snack-bar
39	Ver TV junto a pessoas do sexo feminino
41	O futuro é uma vigarice
43	Conversas de elevador
45	Grave injustiça
48	<i>Tuning</i>
50	Mariquice gastronómica
52	English feelings in my heart
55	Entrevista ao Inverno
57	Bebés de Góis
59	Abaixo a greve geral
61	Introdução ao estudo do snack-bar II
63	Turismo hospitalar
65	Queda em casa de vizinho no Seixal
67	Caso da vida
69	Situações muito giras
72	Parece que vou falecer
75	Revolta por causa do dia das mentiras
78	Rolling Stones celebram 50 anos de carreira
80	Alerta da protecção civil
82	Preço da gasolina
85	Coisas que ao princípio não parecem mariquice
87	Literaturas comparadas
90	Soluções maravilhosas para Portugal
93	Canibalismo com verdade e rigor

95	Fumar crianças no carro
97	Embaraço de qualidade
100	Titanic é para meninos
104	Professor Chibanga adivinha
106	Coisas que realmente
109	<i>Telemarketing</i> de nível mundial
112	Dia do Milho
115	A manhã dos mortos-vivos
118	Zonas de <i>chill out</i>
121	Tragédia na Ovibeja
124	Adquirir produtos à bruta
127	Espaço agora ao debate
130	<i>Playboy Paquistão</i>
133	Deus visita indivíduo
136	O primeiro Homo Sapiens
139	Sexta-feira, 11
141	Fantochada médica
144	Submarino parado
147	Separatistas de Caneças
150	Um português com emprego
152	Vilipendiou-se o caracol
156	Pressões de Ezequiel Valadas
159	Chatices quotidianas
162	Maior empresário de jogadores do Seixal
165	Emprestador de órgãos
168	Sou contra os jovens
171	Dormir: prós e contras
174	Promoções geniais
176	Estudos das moscas
180	Almofadização da sociedade
183	Quando tu dizes chulé
186	Caça vegetariana
189	Falta informação sobre a selecção das quinas
192	Bandalho educado
195	Beldroega adivinha
198	São Ribeiro
200	Polémica nas marchas populares
203	Divórcio de Santo António
205	Adepto vai à Polónia

208	Mais coisas que ao princípio não parecem mariquice
210	Encontro de Marleys
213	Jorge, o Cadaverzinho
217	<i>Bullying</i> na empresa
220	Discotese
222	Chatanismo
225	Mais um livro de Jesus Cristo
229	As balizas deviam falecer
232	Anda comigo ver os óvnis
235	Rapto no Jardim da Estrela
238	Miss Morcela
240	Doutor instantâneo
244	Descoberto o bosão de Higgs
246	Orelhas biónicas
248	Homem que não se lembra de nada
251	Centenário de Mixórdias
254	Uma pergunta para Pamplona
257	Comicidade com mesa de som
259	Anedotário sobre Relvas
261	Borbulhas de amor
264	Bom intervalo de tempo
267	Homenagem aos carpélios
269	Conservatório das profissões
271	Apontamentos Sr. Américo
274	Coisas que sabem a outras coisas
277	Apocalipse e pedicura
279	Pieguice no Facebook
282	História da filosofia em folclore
285	Transcendência da falangeta
288	Encarcere-me contra a crise
292	Uma canja para Merkel
295	Pitucha
298	Notas sobre urbanismo
301	Não chames ao amigo amigo
304	Ui, temos jogralidade
307	Guru de Lordelo
310	Estatuto de alguns víveres
313	Nova história de Portugal
316	Incoerência de camion

GENTE QUE DIZ COISAS

[*Designadamente: «como é que não é»*]

EU: Na rubrica *Mixórdia de Temáticas* de hoje, a Rádio Comercial orgulha-se de apresentar a sub-rubrica «Gente que diz coisas gramaticalmente correctas mas que depois vai-se a ver e não fazem assim tanto sentido».

(*Entra genérico da sub-rubrica «Gente que diz coisas gramaticalmente correctas mas que depois vai-se a ver e não fazem assim tanto sentido».*)

EU: Bom dia. Hoje, na sub-rubrica «Gente que diz coisas gramaticalmente correctas mas que depois vai-se a ver e não fazem assim tanto sentido», apresentamos a sub-sub-rubrica «Expressões correntes que não resistem a uma análise cuidada».

(*Entra genérico da sub-sub-rubrica «Expressões correntes que não resistem a uma análise cuidada».*)

EU: Olá. Hoje, na sub-sub-rubrica «Expressões correntes que não resistem a uma análise cuidada», temos a sub-sub-sub-rubrica... Bom, se calhar, já chega disto. Vamos avançar para o problema de hoje, que é: o que fazer quando a pessoa com quem estamos a falar usa a expressão «como é que é, como é que não é». Esta é a questão. E é uma questão delicada, porque normalmente trata-se de uma pessoa que quer parecer mais ponderada do que nós. Funciona assim: nós dizemos «sim, sim, vamos fazer determinada coisa e tal», e a pessoa diz «eh pá, calma, isso não é assim, primeiro temos de ver como é que é, como é que não é». Nestes casos, o procedimento correcto é dizer: «Ai sim, é? Temos que ver como é que não é,

também, é? Olha, é coisa para levar algum tempo. Uma coisa *é* de uma maneira, mas *não é* de maneiras infinitas. É? Ainda queres ver como é que não é?» E é curioso observar o rosto do nosso interlocutor, que olha para nós como quem diz: «Este tipo é admirável.» É preciso ter cuidado, porque é um ar muito parecido com o ar de quem diz: «Este tipo é claramente desequilibrado e até pode ser perigoso.» Mas não. Eles fazem um ar de profunda admiração. Portanto, nós dizemos, por exemplo: «Eh pá, vamos de férias para o Algarve.» E eles respondem: «Eh, calma, primeiro é preciso ver como é que é, como é que não é.» É assim, normalmente. E nós: «Ai é? Tudo bem. Vamos então ver como é que não é ir de férias para o Algarve. Ora bem, não é indo de férias para Bragança. Não é fazendo um raio x panorâmico da boca. Não é frequentando um curso de pintura em porcelana. Não é indo ao Algarve em trabalho. Não é assistindo a um bom documentário sobre fitoplâncton.» E assim sucessivamente. Fica aqui uma sugestão para uma tarde bem passada da próxima vez que vos disserem: «Eh pá, vamos ver primeiro como é que é, como é que não é.»

ENGLISH FEELINGS IN MY HEART

[«*I love you in English, baby.*»]

PEDRO: Ricardo, bom dia. O que é que sucede hoje na *Mixórdia*?

EU: Ora bem, na *Mixórdia*, hoje, eu queria lançar bandas.

PEDRO: É o tema estruturante, hoje?

EU: É. Quero lançar bons artistas. Maus artistas não estou tão interessado. A primeira banda vai interpretar um tema em inglês, que fala da vontade de cantar em inglês e da dificuldade de cantar em inglês quando não se sabe inglês. O tema chama-se «English feelings in my heart».

Vanda: Que bonito.

EU: Separados, eles são o Vítor Rodrigues e a Fernanda Azevedo. Mas, juntos, são os Amazing Wonderfals.

PEDRO: Só pelo nome vê-se que são bons artistas.

EU: Os Amazing Wonderfals com o tema «English feelings in my heart».

EU: I have so many feelings
But they are all in English
What's wrong with my heart
To start feeling feelings in English?

CANTORA: My heart wants to sell records
Outside my country
So it started feeling feelings
In a language I don't fully understand

(refrão)

CANTORA: Writing poetry in Portuguese is stupid

EU: (Yes it is!)

CANTORA: Camões was an asshole

EU: (Bastard!)

CANTORA: And Pessoa was a stupid fuck

EU: (Son of a bitch! Fucker!)

EU: I love you in English, baby
And I'm going to tell you all about that
As soon as I get
My Wall Street Institute degree

CANTORA: Oh, my heart is learning English too
It's having trouble
With the prepositions
It never knows when it's at, on or in

(refrão)

CANTORA: Writing poetry in Portuguese is stupid

EU: (Yes it is!)

CANTORA: Camões was an asshole

EU: (Oh, what an asshole!)

CANTORA: And Pessoa was a stupid fuck

EU: (He was such a stupid fuck!)

CANTORA: I love you, baby.
EU: I also love you, baby.
CANTORA: Where, baby?
EU: Deep inside my heart, baby.
CANTORA: I suspected that, baby.
EU: Let's make sweet love.
CANTORA: Ok.
EU: Oh, you are so slutty, baby!

Eu: Isto depois percebe-se melhor no teledisco.

Pedro: Ah, vai haver um teledisco? Isso é inquietante.

Eu: Isto agora não vai para lado nenhum, são só eles a dizerem «I love you!», «Yes, I love you too!».

Pedro: Há uma referência a Camões e a Pessoa que é até comovente.

Eu: É Armando Teixeira na música, e o poema é dos Amazing Wonderfals.

O PRIMEIRO HOMO SAPIENS

[«*Cala-te e come uma banana.*»]

PEDRO: E hoje, em *Mixórdia de Temáticas*, uma entrevista exclusiva com o primeiro Homo Sapiens da história da humanidade, o sr. Abílio Ribeiro. Sr. Abílio Ribeiro, como foi ser o primeiro Homo Sapiens de sempre?

EU: Foi extremamente difícil, porque os meus pais continuavam a ser homens de Neandertal. Toda a gente que eu conhecia era homem de Neandertal. E eu já num estado evolutivo completamente diferente, com ideias novas, e tal. Eu chegava à caverna onde vivia com os meus pais e ficava desconsolado com o que via. Tudo sujo, tudo desarrumado. E eu: «E se a gente varresse estas carcaças de animais e pusesse aqui um papel de parede, ou uns cortinados, ou assim?» E eles: «Eh pá, cala-te e come uma banana.»

VANDA: Quais eram as principais diferenças entre si e os seus pais?

EU: Ui. Imensas. Ainda por cima eu sempre fui muito rebelde. Não concordava nada com o estilo de vida deles, que basicamente era caçar mamutes. Caçar o mamute, assar o mamute e comer o mamute — era a vida deles.

VASCO: E você não gostava de mamute?

EU: Não, eu até gosto de mamute. É uma carne saborosa, e tudo. O que me incomodava não era o mamute em si, repare. Era, por exemplo, não haver um cuidado com o empratamento, porque os olhos também comem. Não se fatiava o mamute, não se fazia um

molho, uma salada, nada. Era agarrar no osso e roer. E aí de mim se dissesse alguma coisa à minha mãe, que ela rosnava-me. Muitas vezes eu ia ter com eles e dizia: «Escutem, a gente só come mamute a todas as refeições. Porque é que nós não começamos a praticar algumas formas rudimentares de agricultura, por exemplo?» E diz o meu pai: «Está bem, está bem. Mas agora não, que estou a comer esta banana.»

PEDRO: Eles gostavam muito de bananas.

EU: Adoravam. Eu tinha um primo que ainda era chimpanzé. O meu primo Miguel. E ele arranjava muitas bananas. Eu gosto de bananas, não tenho nada contra bananas, são uma fonte importante de magnésio, tudo bem, mas acho que se pode variar. Não há necessidade de ser só banana, banana, banana. E depois, atenção, eu gosto muito do meu primo Miguel. Mas ele tinha brincadeiras que... valha-me Deus. Uma coisa que ele adorava: fazia cocó na mão e depois atirava-nos o cocó. Os meus pais riam-se muito, eu não achava graça nenhuma àquilo. É como o teatro de revista: teve a sua época, mas hoje eu já não acho tão giro, pronto. E eu dizia: «Ó Miguel, olha para isto. Tenho o cabelo cheio de cocó, pá. Vou ter de ir tomar banho.» E o meu pai: «Outro banho? Então mas isto agora é todos os meses? Ouve lá, ó homo sapiens, olha que eu tenho a impressão que tu és homo mas não é sapiens, é outra coisa.» Pronto, e era a este tipo de bocas que eu estava sujeito.

VANDA: O senhor vivia sozinho com os seus pais?

EU: Era tudo à balda, dona Vanda. Eu não cheguei a saber quem eram os meus avós, por exemplo. Eu tenho a sensação de ser pequeno e de um avô meu andar lá por casa, e tal, mas houve um dia em que o meu pai não conseguiu caçar mamutes nenhuns e a gente comeu-o. Tenho quase a certeza.

VASCO: Horrível.

EU: Horrível, outra vez. Sem uma batata, sem uma fruta, para cortar o sabor, nada. Mas era assim. E eu fartei-me de dizer: «Atenção que este modelo de família disseminada está esgotado. Nós temos

de passar a criar estruturas familiares complexas.» E diz o meu pai: «Mas queres mais complexo do que isto? Então eu ainda na semana passada engravidei a tua irmã. Vais ter um mano e um sobrinho no mesmo dia. Não é suficientemente complexo para o menino?» Ainda gozavam. Era gente bruta, e estúpida. E diz a minha mãe: «Olha, mais um mano para ir contigo e com o pai à caça do mamute.» E eu: «Mas eu não quero caçar mamutes, eu quero ir para relações internacionais.»

PEDRO: E eles?

EU: Não fizeram nada. Minto: o meu primo Miguel atirou-me cocó.

CENTENÁRIO DE MIXÓRDIAS

[*Salsada de recordações*]

EU: Hoje é a mixórdia número 100. Pelo menos é o que diz o *podcast*. Eu não sei bem o que é um *podcast*, mas acho prudente não o contrariar. E como é a mixórdia número 100, pensei que podíamos recordar nostalgicamente alguns dos melhores momentos desta rubrica.

VASCO: Não podemos só recordar? É que recordar nostalgicamente cansa imenso.

EU: Não, desculpa. Vais recordar nostalgicamente. Se é para recordar, vamos recordar como deve ser. Nuno, há alguma mixórdia que queiras recordar hoje?

NUNO: Sim. Talvez a entrevista com Rui Ribeiro, o cientista que estava a trabalhar na invenção de uma nova cor.

(*Som de recordação.*)

EU: De maneiras que tenho a nova cor praticamente finalizada.

VASCO: Como é que ela é?

EU: É muito bonita. É uma cor entre o verde e o roxo-acastanhado.

PEDRO: Acho que já estou a ver qual é.

NUNO: Já tem nome, essa cor?

EU: Sim, vai chamar-se banipupi.

VASCO: Banipupi?! Porquê banipupi?

EU: Porque é que não há-de ser banipupi? O amarelo é amarelo porquê? Com amarelo você já não embirra. Isto tem sido assim desde o princípio. Está tudo contra o banipupi.

VASCO: Eu não estou contra o banipupi, só acho que é um nome esquisito.

EU: Você habitua-se. Vai ser a grande cor do próximo Outono/ Inverno. Uma camisola banipupi com uma saia cinzenta, ou uma camisa verde com umas calças banipupis, por exemplo.

(Som de recordação.)

PEDRO: Ah, bons tempos.

EU: Que barrigada de riso, não foi? Vamos recordar outras.

VASCO: Põe a entrevista com o homem que conhecia imensos animais.

NUNO: Boa!

(Som de recordação.)

PEDRO: Sr. Firmino Ribeiro, bom dia. Portanto, o senhor é o homem que conhece todos os animais no mundo.

EU: Exacto. Todos. Tenho visto muitos animais.

PEDRO: Por exemplo?

EU: Olhe, vi um cão, vi pulgas. Vi uma carraça, uma vez.

NUNO: Não são animais muito exóticos.

EU: Não, isto são tudo ainda animais que eu vi no âmbito do Fidalgo, que é um cão que eu tinha.

PEDRO: E, por exemplo, rinocerontes, viu algum?

EU: Em fotografia, só. Mas vi pombas.

VASCO: Pombas toda a gente vê. E uma zebra?

EU: Na televisão, vi. Mas vi piolhos.

PEDRO: Sim, mas animais exóticos, já viu algum?

EU: Vi uma vez um. Uma pomba que só tinha um olho.

NUNO: Não, mas animais que a generalidade das pessoas não tenha visto. Por exemplo, um coala. Já viu?

EU: Sim. Vi uma vez um à porrada a uma pomba.

VASCO: A uma pomba? Desculpe lá, o senhor nunca viu um coala.

EU: Vi, vi.

VASCO: Então de que cor é um coala?

EU: O coala? É banipupi.

MIXÓRDIA DE TEMÁTICAS

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Guide, Artes
Gráficas, sobre papel Coral Book de
90 gramas, numa tiragem de 30 mil
exemplares, em Outubro de 2012.